



Provocações decoloniais: uma educação libertadora em busca do ser integral

Decolonial provocations: a liberating education in search of the integral being

Provocaciones decoloniales: una educación liberadora en busca del ser integral

Renê Vilela ^[a]

São Paulo, SP, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Como citar: SILVA, R. A. V. da Provocações decoloniais: uma educação libertadora em busca do ser integral. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 15, n. 02, p. 292-300, maio/ago. 2023. DOI: doi.org/10.7213/2175-1838.15.002.AO01.

Resumo

No presente texto buscaremos a ideia de que uma educação libertadora em conexão com a Teologia é um contributo ao pensamento decolonial. Sabendo que contamos com uma realidade complexa não somente quanto à estrutura social, mas também as perspectivas humanas, mas é preciso aprofundar na vida espiritual já no período de formação humana e intelectual. Pretendemos mostrar que o diálogo e o autoconhecimento do indivíduo contribui para a construção de uma sociedade mais livre e tolerante, que busca entender sua passagem mundana como uma graça divina a ser compartilhada pela diversidade de pessoas e realidades. Olhando, para o Brasil e sua questão educacional vemos que o trabalho decolonial é precioso para chegarmos a uma concretização da experiência integral do ser humano: físico e espiritual. O texto é bibliográfico e visa trabalhar a importância de uma visão decolonial em busca de compreender melhor o ser humano e a partir da educação formar seres que buscam a integridade humana, social e religiosa.

Palavras-chave: Decolonização. Teologia da Libertação. Educação. Ser Humano. Formação.

^[a] Doutorando em Teologia Sistemática - História Social da Igreja, e-mail: vilelaaugusto@yahoo.com.br

Abstract

In this text we will seek the idea that a liberating education in connection with Theology is a contribution to decolonial thinking. Knowing that we have a complex reality not only in terms of social structure, but also human perspectives, it is necessary to delve into the spiritual life already in the period of human and intellectual formation. We intend to show that the dialogue and self-knowledge of the individual contributes to the construction of a freer and more tolerant society, which seeks to understand its worldly passage as a divine grace to be shared by the diversity of people and realities. Looking at Brazil and its educational issue, we see that the decolonial work is precious for us to reach a realization of the integral experience of the human being: physical and spiritual. The text is bibliographical and aims to work on the importance of a decolonial vision in search of a better understanding of the human being and from education to form beings that seek human, social and religious integrity.

Keywords: Decolonization. Liberation Theology. Education. Human being. Training.

Resumen

En este texto buscaremos la idea de que una educación liberadora en conexión con la Teología es un aporte al pensamiento decolonial. Sabiendo que tenemos una realidad compleja no sólo en términos de estructura social, sino también de perspectivas humanas, es necesario profundizar en la vida espiritual ya en el período de formación humana e intelectual. Pretendemos mostrar que el diálogo y el autoconocimiento del individuo contribuyen a la construcción de una sociedad más libre y tolerante, que busca entender su paso por el mundo como una gracia divina para ser compartida por la diversidad de personas y realidades. Mirando a Brasil y su cuestión educativa, vemos que el trabajo decolonial es precioso para nosotros para alcanzar la realización de la experiencia integral del ser humano: física y espiritual. El texto es bibliográfico y pretende trabajar sobre la importancia de una visión decolonial en busca de una mejor comprensión del ser humano y desde la educación para formar seres que busquen la integridad humana, social y religiosa..

Palabras clave: Descolonización. Teología de la Liberación. Educación. Ser humano. Capacitación.

Introdução

Desejamos com este artigo apresentar uma proposta decolonial dentro do campo educacional em interface com a Teologia. Levando em consideração a Teologia da Libertação como um prisma para pensar a educação e, em consequência a libertação integral do ser humano. Não pretendemos construir um tratado educacional e nem mesmo um tratado teológico, mas com base em uma proposta decolonial desejamos apresentar o ser humano como um campo de possibilidades.

Recorrer à Teologia da Libertação para pensarmos o processo de formação humana é abrir uma possibilidade para pensar a educação atual, levando em consideração a importância da formação do indivíduo e do coletivo. Destacaremos a realidade do Brasil ao perceber que a Teologia da Libertação é uma possibilidade de atuar numa educação libertadora que leve o humano a refletir sua realidade e o/seu futuro.

A teologia e a educação podem ser entendidas como frutos da realidade humana e social à luz da revelação cristã para a libertação integral do ser humano e da sociedade. Decolonizar não provém de teorias, mas de uma reflexão fruto de experiências. O teólogo e o educador (ou os sistema de educação) servem a uma comunidade viva e real, não são construtos de conceitos, mas construção de uma sociedade que leva em conta os conceitos surgidos da experiência e vivência da comunidade. As propostas decoloniais são oportunidades de reler a realidade e de procurar caminhos para realizar a libertação integral do humano, isto é, não é apenas uma intenção, mas é uma proposta de ação e de realização da libertação do oprimido.

Pensar a educação é pensar o ser humano

Pensar sobre a educação (familiar, ensino e sistemas educacionais) é também propor uma abertura para conhecer o ser humano, suas limitações e potencialidades, essas que pensadas de forma teologal são graças dadas a cada indivíduo. E por ser dons específicos individuais que são em função da comunidade, devemos perceber que a educação deve conter momentos de diálogo, momento do grupo que privilegia a autonomia, a expressividade, possibilitando o próprio conhecimento e o conhecimento do outro.

Não podemos nos contentar com silêncio, devemos questionar: como “aprender a discutir e a debater numa escola que não nos habituamos a discutir, porque impõe?” (FREIRE, 2003, p.90). É preciso que a comunidade entenda que a formação de seus indivíduos é responsabilidade e compromisso de todos. E tratando de formação de indivíduos devemos levar em conta que um dos aspectos mais notáveis de hoje é a heterogeneidade e a velocidade das transformações (COSTA, 2000, p.116).

Existem diferenças sociais, econômicas, mas devem ser superadas na compreensão e busca da formação seja de um indivíduo da periferia, da zona rural ou do perímetro urbano. Queremos nesta discussão mostrar a importância da ação de cada pessoa na construção do saber e da sociedade, no que diz respeito à formação de pessoas mais autônomas, reflexivas, responsáveis. Levando em consideração o ser humano em sua integridade que permeia a dimensão corporal, afetiva, meio-ambiente e a dimensão sócia cultural.

Essa discussão nos mostra que a educação se faz por meio do relacionamento, e ainda mais por compreendermos que “educar ou educar-se é humanizar ou humanizar-se, é tornar-se o animal humano, aquele vivente ao qual incube o cuidar da própria forma de ser, de viver, de existir” (LARA, 2008, p.128-129). Por isso a educação deve ser “um trabalho do homem com o homem, e nunca um trabalho verticalmente do homem sobre o homem” (FREIRE, 2003, p.14).

Uma proposta educativa aos moldes de Jesus

Pensamos na educação aos moldes de Jesus, que ensinava a caminhar e a buscar uma vida plena e não a morte. Por isso a educação deve ser vista de forma libertadora, isto é, onde leva o indivíduo a compreender sua participação e corresponsabilidade. Não se trata de uma educação que percebe o humano apenas como receptor de conhecimento e técnicas, mas num processo que pela sua participação na ação visa salvar o humano e o espiritual.

Jesus Cristo, sempre utilizou de parábolas e do próprio testemunho para apresentar a proposta do Reino de Deus; as parábolas e mesmo os seus discursos podem ser vistos como uma técnica para ensinar e conduzir os discípulos e ainda para multiplicar a compreensão e sua mensagem. Um exemplo está em Mateus (5,1-2) que diz: “Quando Jesus viu a grande multidão, subiu para o alto de um monte e se sentou. Os seus discípulos se aproximaram ² e ele começou a ensiná-los”. Não somente o Evangelho do Sermão da Montanha, mas tantas outras passagens apresentam Jesus como um transmissor de uma mensagem, conhecimento e testemunho. Muitas passagens apresentam Jesus como um educador: “havendo, pois, terminado de instruir seus doze discípulos” (Mt. 11,1); “todo o povo se reuniu em volta dele. Sentando-se, começou a ensiná-los” (Jo. 8, 2); “Então falou Jesus à multidão, e aos seus discípulos” (Mt. 23,1); “E os ensinava, dizendo” (Mc. 23,17); entre outras passagens temos a do nono capítulo do Evangelho de Lucas, Jesus ensina, escuta, discute e apresenta exemplos de como deve ser a vivência entre os discípulos e como deve ser a relação entre os seus seguidores e, pede que eles possam pregar e multiplicar tudo que escutaram e testemunharam.

“Educar ou educar-se é, pois, tornar-nos cada vez mais responsáveis por nós mesmos e pelos outros, pois a maneira de sermos homens, já que isso implica existir, relacionar-se, afeta aos demais. Não tem como nos esquivar dessa realidade” (LARA, 2008, p.129). A formação deve contemplar o intelectual e o psíquico, saúde corporal, moralidade, espiritualidade para ajudar na construção de um adulto equilibrado. Com a ajuda do lado religioso busca-se o reconhecimento do outro, isto é, uma tradução de como devemos ser em relação ao outro. Não se trata de um sentimentalismo, ou fé acrítica, mas sim em uma fé consciente, feita por meio de instrução e cultura religiosa. Deve-se ter como pressuposto que as práticas religiosas não devem ser impostas, mas propostas a serem desenvolvidas e vividas numa compreensão plural e diversificada (LARA, 2008, p.131).

A Teologia da Libertação faz conexão com esse processo por se ocupar das realidades metafísicas e ao mesmo tempo cuida das coisas humanas, sendo integral, sabendo que trata toda a positividade da fé dentro de uma perspectiva particular: o pobre e sua libertação (BOFF, 1990, p.79). Não se contenta com uma visão genérica e abstrata da fé, mas contando com a experiência do oprimido para a construção do processo de libertação não apenas estrutural, mas no plano da salvação. A experiência espiritual entendida como a práxis da fé nasce nos meios populares a partir da vida (BOFF, 1990, p.97-98) entendendo o processo de opressão/libertação interpretados à luz da fé.

Ao falar de experiências estamos falando de diversidade. O desejo é que todos fossem incluídos e pudessem ser respeitados, seja nas particularidades existenciais ou a culturais. A convivência educativa é dada como um caminho que fomenta uma convivência entre diferentes, isto é, uma educação multicultural se destaca pelo diálogo entre as culturas, visto que não devemos partir de uma lógica apriorística, mas das necessidades que vão surgindo ao longo da interação dialogada, sendo um processo de escuta e de compreensão da cultura do outro (SÁNCHEZ ROJO, 2001, p.151).

O que se propõe é a procura de um meio termo entre uma mentalidade colonial (esta que acredita que com os conceitos de uma única cultura podem-se expressar as experiências humanas) com outro extremo que acredita que não se há comunicação possível entre as diferentes culturas (o que seria condenar outras culturas para

se preservar). Trata-se de um caminhar pela linha do meio, procurando as respostas para as demandas humanas, sendo uma práxis e não algo meramente teórico e racional (PANIKKAR, 1996, p.125-148).

Compreender a diversidade é buscar o Reino de Deus

Em um grupo existem diversas formas de pensar; compreender a diversidade é fundamental e não podemos mutilar a heterogeneidade. E dessa multiplicidade é que surge a homogeneidade, isto é, a construção de um ideal comum, de um ideal de amor. E ao propor uma nova postura educacional estamos falando em levar em conta as diferentes realidades e grupos. Em vez de ensinar certezas em um mundo que muda constantemente, as pessoas deveriam aprender perguntar. O quê? Como? Para quê? O que propõe não é abandonar a carga de conhecimento existente, mas enxergar a capacidade para transformar a realidade (COSTA, 2000, p. 113).

Ao falarmos de uma educação decolonial que visa construção do Reino de Deus, fala-se da construção de uma realidade que respeite a integração da Criação. Reino de Deus entendido no respeito à dignidade humana. Percebe-se que chamar pelo nome é o primeiro desafio, e este é o primeiro passo para adquirir a confiança, e é fundamental para entender a história, é relacionamento face a face, é conseguir falar com a linguagem própria de cada grupo, saindo do autoritarismo e estar aberto ao mundo plural e tolerante.

Sabe-se que a educação encontra o paradoxo da desumanização, isto é, um processo cada vez mais técnico que vem por meio das evoluções culturais e científicas do desenvolvimento e progresso e ao mesmo tempo a busca pela autonomia de cada ser e de sua importância quanto a suas particularidades. Como podemos ver o desenvolvimento e sistematização de dados faz com a vida humana, as identidades sejam reduzidas a números o que tem como consequência uma desidentificação da pessoa e em uma redução de categorias ou grupos.

A cultura não deve ser imposta ou lida apenas por um grupo, classe ou pensamento, mas deve ser plural e contar com as diferentes leituras humanas, sociais, econômicas e étnicas. Nenhuma imposição de valores deve abafar as demais manifestações culturais, a educação deve levar em conta a interculturalidade. Os valores universais são compreendidos com a solidificação do consenso e não pela imposição ou massacre de culturas, interpretações e manifestações culturais. A humanidade não deve caminhar por um viés absolutista. Mesmo compreendendo a existência de valores universais (amor, vida, dignidade humana, respeito, direitos de alimentação – moradia e educação) a humanidade deve esta aberta a compreender o surgimento de valores adjacentes que permite novos caminhos de encontro e desenvolvimento de culturas, conhecimento e progresso da humanidade (SÁNCHEZ ROJO, 2001, p. 153-154). Visto que “o pensamento decolonial não é de todo estranho à inteligência da fé cristã. O cristianismo é um movimento libertador, contestador. A teologia também” (CUNHA, 2017, p. 101).

Na verdadeira experiência da realidade que se compreende a ação de Deus e por essa compreensão chega-se a práxis libertadora de executar o desejo de Deus de realizar um reino pela fé e caridade. A prática educacional se torna fundamental para conduzir a humanidade no conhecimento teórico do saber em suas diferentes áreas, mas, sobretudo para uma prática de reconhecimento da dignidade humana e na formação do caráter humano. A educação não pode ser reduzida a missão de transmitir conhecimentos, memória e desenvolvimento mercantil, mas deve propor a formação humana em favor da humanidade. A educação junto com a teologia construída a partir da realidade permite não somente a pastoral, mas a libertação integral do ser humano.

Uma postura decolonial: uma dificuldade herdada

O Brasil, desde seus primórdios no descobrimento, sofreu com uma postura de exploração e de imposição de valores, causando dessa forma uma deficiência na postura da sociedade quanto à questão de coparticipação do

processo educacional. Nisso entendemos que “o conceito ‘colonialidade’ não se restringe ao poder, mas está presente nos âmbitos do saber e do ser também” (CUNHA, 2017, p. 69).

Mesmo após um processo de industrialização e supostamente uma inserção do povo nas discussões nacionais, bem como a formação de uma república democrática (não esquecendo o golpe para sua constituição) ainda se encontra com dificuldades de diálogo de sentido de responsabilidade e de participação. Este fato é devido à formação colonial, que moldou as personalidades dentro do feudo e da imposição da chibata. Prevalecendo um estilo de educação autoritária, em que a transformação deste estilo não é fácil. Neste sentido a escola historicamente adaptou-se à lógica da apartação (como o medo por perseguição), mantendo seus alunos distantes dos professores (HOLANDA, 1995).

Percebemos que o Brasil passou por um infantilismo ou vitimismo que ocorreu no período patriarcal causando um prejuízo o qual mutilou o processo educacional, atenuando a educação um processo não autônomo (LARA, 2008, p. 126). Pode-se perceber ainda que mesmo com o início da democracia no Brasil houve um contraste na formação humana quanto à inexperiência democrática, mas mostrando que é importante o incentivo que deste desenvolve a criticidade e a participação, visto que participam da construção do saber. A cultura brasileira sempre esteve “fixada na palavra corresponde a nossa inexperiência do diálogo, da inquirição, da investigação, da pesquisa que, por sua vez, estão ligados à criticidade, nota fundamental da mentalidade democrática” (FREIRE, 2003, p.89-90).

Desde o descobrimento do Brasil, a formação educacional dos brasileiros não possui uma educação que estimula as potencialidades e as peculiaridades de cada região. Regiões estas que devem ser levadas em consideração no processo formativo de cada pessoa. Uma vez que “o homem não vive autenticamente enquanto não se acha integrado com a sua realidade” (FREIRE, 2003, p. 11). Deve-se estimular a participação oferecendo oportunidades de diálogo e de presença no espaço educativo, não impondo regras, mas estimular a apresentação de soluções e a predisposição para mudanças e ainda estimular o autogoverno, por meio de estímulos que levem em consideração local, a confiança, as relações que possibilitam a abertura de consciência.

Nesse panorama a teologia vem contribuir para a construção de um entendimento e estimulando desenvolver em cada um as suas habilidades de forma construtiva e positiva, que possibilite a orientação de práticas de virtudes humanas. A Teologia da Libertação contribui por ser uma reflexão construída a partir da realidade, em que a pastoral, a práxis social dos cristãos leva em conta e contribui para uma libertação integral do ser humano. Deve-se priorizar a práxis da caridade que iluminada pela fé permite um novo horizonte de compreensão e interpretação da inteligência reflexiva da fé teologia (SCANNONE, 1984, p.371-375).

Observa-se que, não se trata de uma práxis tomada meramente como lugar social e como objeto de estudo das ciências sociais e históricas, mas de práxis histórica em sua globalidade incluindo a aceitação ou negação do dom gratuito de Deus e sendo um momento ético com dimensões históricas. Entendo assim que o ponto de partida da teologia será sempre a práxis histórica, que é expressa de várias maneiras a partir de sinais, tradição, conjunturas históricas entre outras tendo o Evangelho como susento de uma reflexão crítica (SCANNONE, 1984, p.373).

Nessa perspectiva:

A Igreja profética de uma teologia profética não cai na armadilha do discurso vazio descompromissado com a realidade concreta das pessoas. Ela é libertadora, profética, utópica e esperançosa quando há compasso entre o discurso da salvação aliado às obras de libertação. Não há como chegar à transcendência sem passar pela mundanidade (CUNHA, 2017, p.147).

Falar de uma proposta decolonial é enfrentar um sistema consolidado de teorias, cultura, política, economia entre outras vertentes da realidade humana e social que já está intrinsicamente formado. É preciso oportunizar os indivíduos e a sociedade para uma releitura; para conhecer e analisar todo o processo do progresso

humano e social contando com diferentes leituras e dando oportunidade de escutar as diferentes visões e leituras da realidade. Contar com a coparticipação da educação e a teologia são proporcionar um conhecimento ontológico e antropológico e ao mesmo tempo uma leitura ampla sobre a existência e a história; esse processo visa uma abertura para conhecer o ser humano em sua inteireza e sua participação diante do mundo (espaço/tempo).

Formação integral do indivíduo e do social

Na ajuda da teologia para um processo decolonial destaca-se o fato de ser crítica e utópica ao mesmo tempo, mas apresenta o fruto da experiência de Deus no pobre. Em que o pobre não é visto como objeto de estudo, mas como sujeito, que produz e participa da reflexão e expõe sua compreensão sobre a realidade e sobre a fé (BOFF, 1990, p.90).

A importância de uma formação integral se justifica em um aspecto fundamental para o amadurecimento da sociedade que é primeiramente o reconhecimento da própria identidade, tendo a partir daí a aceitação de si mesmo, isto em meio a reflexão e relacionamentos fazendo descobrir um segundo valor que é o outro, em busca de conhecer e fazer o outro existir. Ser pessoa é justamente ter a capacidade de dialogar, de olhar o outro e conseguir perceber que faz parte de um grupo e sociedade.

“Não basta só apontar o processo de colonização e discernir os seus mecanismos. É preciso ir além na viabilização de projetos decoloniais possibilitando dar voz àqueles que foram silenciados e trazer à tona saberes que também foram subalternizados” (CUNHA, 2017, p. 53). A vivência e percepção de mundo de cada ser humano permite existir uma diversidade de percepções e compreensões da realidade; a existência do outro se torna sempre uma surpresa que se desvela. Cada compreensão de mundo e da existência é um novo ser que se abre diante daqueles que se abrem para a pluralidade. Haja vista que a personalidade cresce na vivência da liberdade de abertura a diferentes realidades e valores, na capacidade de ponderar e de optar pelo caminho da escuta. Respeitando a diversidade e variedades de seres humanos, respeitando o ‘outro’, por isso não se trata de um conceito, mas de uma vivência (ACOSTA, 2016, p. 82-83).

O que poderia ser considerado como uma utopia pode ser visto como uma busca por uma sociedade mais justa e equitativa, mais livre e igualitária entendida como ‘cultura da vida’ (ACOSTA, 2016, p. 69-83) num processo decolonizador (político, social, econômico, cultural) propondo posturas sociobiocêntricas, diferente do sistema capitalista (civilização da desigualdade) (ACOSTA, 2016, p. 70-73).

Por isso deve-se superar essa ideia de monocultura, que na realidade não trata de uma tolerância, mas de uma conveniência com a lei do mercado, valor da ciência moderna. Pois as culturas são incompatíveis, mas não incomunicáveis. E por isso destaca-se que a interculturalidade é inerente ao ser humano, pois a cultura única é incompreensível e mais ainda a existência de uma única linguagem universal (PANIKKAR, 1996, p.93-95).

Considerações finais

Compreendemos que é preciso uma formação que leve em consideração cada pessoa dentro de seus limites e suas possibilidades, trabalhando com a dimensão corporal e mental. Desenvolvendo um posicionamento crítico e a inserção de cada pessoa no meio social, nos problemas reais e na busca de soluções. Nesta perspectiva:

O que importa, realmente, ao se ajudar o homem é 'ajudá-lo a ajudar-se'. É promovê-lo. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repetimos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas e dos problemas de sua comunidade (FREIRE, 2003, p.16).

Por isso “uma teologia em perspectiva decolonial não só é possível como necessária. As mudanças sociais do nosso tempo reclamam um fazer teológico crítico de si mesmo e crítico de um sistema-mundo que reduz a condição humana a mero objeto de mercado” (CUNHA, 2017, p. 101). A educação como um processo de decolonização visa uma formação do indivíduo autônomo e crítico, mas também um ser humano social e participativo, que busca emergir singularidades e potencialidades, sendo uma questão social e política. Para isto se faz necessário à formação que leve a compreensão das responsabilidades no desenvolvimento da educação autônoma, significando uma educação baseada em relações na qual a interferência do professor ou orientador não é sinal de imposição, mas de reflexão e diálogo.

Com ajuda da Teologia da Libertação podemos perceber o indivíduo em sua totalidade, seja sua busca pela vivência da metafísica, seja com a preocupação com o tempo presente e as coisas referentes a natureza. Veremos que a reflexão produzida pela citada teologia contribui para uma reflexão que não se limita a formular teorias, mas provoca e conduz a uma práxis social contribuindo para uma percepção mais humana do que tecnicista ou teórica.

A práxis de libertação das comunidades cristãs, traz uma reflexão sobre método de elaboração teológica que partem da ação libertadora daquelas comunidades na fé, de situações históricas concretas (VELA, 1988, p. 105). O encontro e o caminhar em comunidade geram aprendizado e contribui para o diálogo e a tolerância. Por isso se exige do teólogo da libertação a arte da articulação, articular o discurso da sociedade, o do mundo e das significações populares, com o discurso da fé e da grande tradição.

É o dinamismo do entender humano, pelo qual se avança do puro experimentar ao compreender, do puro compreender, à verdade e à realidade, do conhecimento dos fatos, à ação responsável. É nesse processo decolonizador que o homem aprende a fazer-se no mundo compreendendo que é mais um para somar a comunidade dos viventes. Não somos criados para uma vida de opressão, mas pela criatividade somos chamados a contribuir de forma tolerante as diferentes culturas.

Na educação encontra-se um portal de possibilidades, e principalmente uma oportunidade de formar humanos mais críticos e construtores de uma realidade multicultural. De uma riqueza imensurável que se dá pela multiplicidade de saberes e experiências. Por isso é preciso que a formação educacional seja integral visando o conhecimento, mas principalmente o saber sobre si, sobre o mundo e sobre os outros.

Referências

- ACOSTA, Alberto. *O Bem Viver uma oportunidade para imaginar outros mundos*. 2. ed. São Paulo: Elefante, 2016.
- BOFF, Clodovis. Epistemologia y método de la teología de la liberación. In: ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. *Mysterium Liberationis*. Madrid: Editorial Trotta, 1990. Tomo I, p. 79-113.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- CUNHA, Carlos Alberto Motta. *Provocações decoloniais à Teologia cristã*. São Paulo: Ed. Terceira Via, 2017.
- FREIRE, Paulo. *Educação e atualidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.
- LARA, Tiago Adão. *Ética: fragmentos de reflexão*. In: Estudos Filosóficos. DFIME. São João del-Rei: UFSJ, 2008.

PANIKKAR, Raimon. Religião, filosofia y cultura. *Revista de Ciências de las Religiones*, v. 1, p. 125-148. Disponível em: <http://them.polylog.org/1/fpr-es.htm>. Acesso em: 29 ago. 2023.

ROJAS, Lenonardo; CARRASQUILLA, Jesús; AGUDELO, Diego. Teología: su epistemología y los nuevos paradigmas. *Theologica Xaveriana*, n. 151, 2004, p. 449-468.

SÁNCHEZ ROJO, Alberto. Raimom Panikkar va a la escuela: diálogo intercultural y atención a la diversidad. Bajo Palabra. *Revista de Filosofía*, II Época, n. 6, p. 145-154, 2001.

SCANNONE, J.C. El Método de la teología de la liberación. *Theologica Xaveriana*, n. 73, p. 369-399, 1984.

VELA, Jesús Andrés. Elementos metodológicos en la Teología de la Liberación. *Theologica Xaveriana*. n. 86, p. 105-133, 1988.

RECEBIDO: 14/03/2023
APROVADO: 28/08/2023

RECEIVED: 14/03/2023
APPROVED: 28/08/2023